

## O RECONHECIMENTO DAS MÚLTIPLAS INFÂNCIAS EM PAULO FREIRE

Dayse Leite Pereira <sup>1</sup>  
Tania Regina Lobato dos Santos <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo propõe um diálogo sobre as infâncias nas obras de Paulo Freire, apesar da infância não ser o enfoque de seus livros, observou-se uma contribuição acerca da valorização de uma infância livre e autônoma. Metodologicamente, utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa fundamentada em Lakatos e Marconi (2003), assim, mediante a realização de uma pesquisa bibliográfica, foi possível realizar um mapeamento do que os autores dizem sobre a temática afim de contribuir com a literatura existente e conseqüente difusão dos estudos. Desse modo, realizou-se uma pesquisa sistematizada em uma interface entre Freire (2001) e autores da Sociologia da Infância, tais como: Corsaro (2011) e Sarmiento (2004). O objetivo foi identificar na obra do autor aspectos/conceitos que remetiam ao reconhecimento das infâncias múltiplas. Como resultados preliminares evidenciou-se que nas obras de Freire o reconhecimento das infâncias ocorre quando fala sobre a curiosidade menina, do perguntar como ato político e revolucionário, quando valoriza a infância de forma a pensar que um educador de sucesso em sua prática precisa manter vivo essa essência da infância, desse modo, é possível encontrar várias referências a infância, e isso se dá em uma perspectiva de infância livre, autônoma corroborando com a teoria que não há apenas uma infância, mas múltiplas infâncias em uma interseccionalidade de raça, cor, etnia, dentre outros contextos.

**Palavras-chave:** Múltiplas infâncias, Crianças, Interseccionalidade

### INTRODUÇÃO

Paulo Freire não elegeu a infância como objeto primordial de suas pesquisas, outrossim, teve com enfoque a educação de jovens e adultos em que contribuiu significativamente durante sua trajetória como educador e pesquisador, entretanto, em suas obras, observam-se contribuições acerca das infâncias múltiplas, livres e autônomas. Assim, precisa-se reverberar esse saber que colabora com as infâncias outras, é nesta perspectiva que se coloca o presente trabalho que visa contribuir com a difusão desse conhecimento.

A motivação dessa pesquisa surgiu da participação como aluna na disciplina Leituras Temáticas da Educação em Paulo Freire, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Tal disciplina, possibilitou

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação PPGED da Universidade Estadual do Pará - UEPA, [dayseuepa@gmail.com](mailto:dayseuepa@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutora em Educação, Docente do Programa de Pós Graduação em Educação PPGED da Universidade Estadual do Pará - UEPA, [tania02lobato@gmail.com](mailto:tania02lobato@gmail.com).

uma imersão nos fundamentos teóricos e metodológicos do pensamento educacional de Freire e uma troca de experiências com outros educadores, permeados de dialogicidade, amorosidade e boniteza, ali Freire esteve presente.

Como referencial teórico tem-se uma interlocução entre Freire (2001), Kohan(2003) e autores da Sociologia da Infância, tais como: Corsaro (2011) e Sarmiento (2004). Nesse sentido, a obra de Freire, remete a uma percepção de valorização das múltiplas infâncias, infâncias autônomas, a exemplo do descrito em *Pedagogia da Pergunta* (publicado em 1985). A valorização da curiosidade evidencia o respeito as especificidades das crianças e apresenta uma forma outra de ensinar e aprender. Assim, coube aqui elencar em Freire aspectos que dialoguem com essa temática.

## **METODOLOGIA**

Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa ancorada nos fundamentos de Lakatos e Marconi (2003). Trata-se de uma análise sobre textos de Freire que tratem da infância/criança, assim como em artigos de interlocutoras/es, desse modo, o estudo tem como objetivo destacar na obra do autor aspectos/conceitos que remetam ao reconhecimento das infâncias múltiplas. Para tal, também irá compor o aporte teórico alguns autores da Sociologia da Infância com objetivo de conceituar o termo múltiplas infâncias, autores tais como: Sarmiento (2004) e Corsaro (2011) que no delineamento desse artigo comporão uma interface com os conceitos freireanos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Antes de desvelar o conceito de múltiplas infâncias é necessário primeiro discorrer sobre a concepção de infância, neste ensaio escolheu-se tratar da infância contemporânea com base na Sociologia da Infância, assim tem-se a concepção de que a infância é uma categoria geracional que para além de um grupo etário tem suas interfaces socioculturais, são atores sociais que pertencem a uma condição social, um gênero, uma cor/raça, uma etnia. Dessa feita, concebe-se segundo Sarmiento(2005) a infância independe das crianças,

uma vez que, essa geração vai sendo constituída por ocasião da mudança de faixa etária, surgindo gerações outras continuamente.

Assim, compreende-se que não há uma infância, mas infâncias no plural ou como forma de marcar um lugar de expressão: as múltiplas infâncias, desse modo, assumir essa heterogeneidade é um compromisso ético no que tange a reconhecer que a forma de viver essa infância é influenciada diretamente pelo contexto em que a criança está inserida. Essa concepção de múltiplas infâncias é parte de todo um processo histórico de luta de compreensão que a criança enquanto sujeito é atravessada pelas mudanças na sociedade, é afetada pelas questões sociais, pelo sistema capitalista vigente que promove desigualdade social.

A Sociologia da Infância apresenta uma perspectiva teórica da criança como ator sócio-histórico concernente a uma categoria geracional permanente: a infância, diante disso corrobora-se que:

[...] a infância não é a idade da não-fala: todas as crianças, desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) porque se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemônica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interações entre crianças, com a incorporação de afectos, da fantasia e da vinculação ao real. (SARMENTO, 2000, p. 156).

A infância é vista como a idade do inacabado, do devir, do que não produz, tem-se um padrão do que é ser criança, do que se espera de uma criança, tal olhar parte um conceito universal de infância, padrão, romantizado, inocente de modo a desconsiderar todo o contexto em que essa infância é vivenciada. Então, a sociologia da infância traz a infância para um lugar de protagonismo, considerando suas múltiplas linguagens, suas interações com seus pares, suas especificidades e modos outros de expressão.

No que tange a essa vivência das infâncias face ao adultocentrismo acredita-se que:

não são apenas os adultos que intervêm junto das crianças, mas as crianças também intervêm junto dos adultos. As crianças não recebem apenas uma cultura constituída que lhes atribui um lugar e papéis sociais, mas operam transformações nessa cultura, seja sob a forma como a interpretam e integram, seja nos efeitos que nela produzem, a partir das suas próprias práticas. (SARMENTO, 2000, p.152).

As crianças enquanto atores sociais não recebem passivamente a cultura instituída, mas influenciam a cultura adulta e produzem suas próprias culturas, representando assim

suas formas de olhar, refletir e experienciar o mundo. Concorde-se com Corsaro (2011, p. 31) quando diz que: "crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo do adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações". Trata-se de pensar em uma infância questionadora, que tem voz, que busca ocupar espaços vedados a ela e que resiste ao determinismo da padronização, são infâncias, plurais e diversas que são produtos e produtoras de culturas na sociedade.

Compreende-se que "a infância não é apenas uma questão cronológica: a infância é 'expressão de vida'; [...], vida em movimento; vida em experiência" (KOHAN, 2003, p. 253). Para além de compor uma faixa etária, a infância vem trazer essa vivacidade, esse atravessar de transformações, esse simbolismo que remete a infâncias em um mesmo espaço com realidades divergentes e possibilidades de ser criança de formas diversas, dada a desigualdade social que se instala. As Infâncias livres, múltiplas, precisam ter suas vozes reverberadas para alcançar a valorização e o reconhecimento necessário para o desenvolvimento de espaços que acolhem suas diferenças culturais, raciais, étnicas, sociais, entre outras.

Antes de tecer sobre a infância em Freire, é preciso falar sobre a infância do autor, assim, tem-se um menino pernambucano que relata sem pesar sua infância e o quanto seus pais contribuíram para o seu processo de alfabetização, da leitura das palavras e de mundo, relata também as intempéries do quanto as questões financeiras atravessaram e marcaram sua infância de modo a despertar nele um senso de justiça admirável. Desse modo, ele relata com detalhes sob lembranças de sua infância como no parágrafo abaixo:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas, como se fossem gente, tal a intimidade entre nós –à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço- sítio das avencas de minha mãe –o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei e falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto –em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (FREIRE, 1989, p. 12–13).

Freire (1989) relatou sua infância de forma sensível e com riqueza de detalhes, isso mostra o quanto esse acontecimento o atravessou e tornou-se evidente em sua vida e obra. Observa-se a relação de afetividade com a natureza, com o brincar, com o lugar onde vivenciou essa infância. Tem-se a relação com seus pares e os adultos que revelavam essa dialogicidade infantil, o aprendizado mútuo, o seu desenvolvimento e sociabilidade enquanto criança. Corroborar-se:

Nascido em 19 de setembro de 1921, em Recife, na Estrada do Encanamento, bairro da Casa Amarela, este grande educador foi alfabetizado ainda menino por seu pai Joaquim Temístocles Freire, natural do Rio Grande do Norte e oficial da Polícia Militar de I Revista do Pernambuco, e sua mãe Edeltrudes Neves Freire, de Pernambuco. Foram eles que lhe ensinaram o significado de diálogo que, mais tarde, constituir-se-ia como um dos pilares de sua pedagogia. Com seus irmãos, Stela, Armando e Temístocles, Freire experimentou descobertas de uma infância marcada pela pobreza, em uma época de incertezas, mas de grandes aprendizados e de brincadeiras. Mesmo diante das condições pouco favoráveis, Freire se permitiu sonhar, ser livre e autônomo. (Aviz; Santos;Ribeiro, 2021, p. 8).

O menino pernambucano, nasceu e viveu sua infância com uma família acolhedora e que tinha consciência de classe, ensinando-o a ler o mundo antes da palavra, não coincidentemente tem-se em sua obra o vivido e uma inspiração para toda uma geração de educadores quando diz que : “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989). Sua vivência não é romantizada em seus escritos, ele relata sobre a pobreza, a fome e o quanto isso o impactou, as incertezas o forjaram a ser um militante por justiça social, seu senso crítico começa a ser desenvolvido na infância, tal fato leva a reflexão de que as crianças não estão alheias as questões financeiras, sociais, ao contrário, são duramente atingidas pelas intempéries cotidianas.

Apesar do reconhecimento do autor por sua trajetória na educação de jovens e adultos, é evidente que Freire contribuiu com as infâncias, ao falar de sua infância e ao mencionar sempre as crianças com muito respeito e posicionamento no que tange a sua liberdade e autonomia enquanto sujeito, como pode-se observar em um trecho da carta que escreve para uma criança de 9 anos, sua prima Nathercia:

É uma coisa boa, Natercinha, que a gente nunca deixe de ser menino. Os homens atrapalham as coisas, complicam tudo. Não sei se você vai entender isso que vou lhe dizer. Mamãe e papai lhe explicam melhor. Cresça, mas nunca deixe morrer em você a Natercinha de hoje, que começa a descobrir o mundo, cheia de curiosidade. Se os homens não deixassem morrer dentro deles o menino que eles foram, se compreenderiam melhor (LACERDA, 2016, p. 50).

Nas cartas de Freire a Lacerda, além da sensibilidade, marca de seus escritos, há a valorização do ser menino, da criança enquanto ser que emana curiosidade, tal relato faz recordar o livro a *Pedagogia da Pergunta* (Freire, 1985), uma vez que para ele perguntar é mais que um ato é uma forma de experienciar a vida, um posicionamento. Assim, Kohan (2020) faz essa conexão sobre o quanto a infância é o momento em que a curiosidade aparece com veemência e traz questionamentos sobre como é diferente essa vivência da criança nessas múltiplas infâncias. Corroborar:

Não é uma pedagogia que toma a infância como seu objeto, mas uma pedagogia que se inspira na infância, que toma da infância sua força perguntadora e vive, assim, da potência de uma vida infantil; uma educação que encontra, por meio das perguntas e do perguntar, a infantilidade da vida através de uma pedagogia na e da infância (Kohan, 2020, p. 90)

Nessa perspectiva de uma pedagogia sensível à infância, reflete-se que a adultez e a infância ocupam temporalidades diferentes, o tempo adulto é o do capital que está sempre demasiadamente apressado, o da infância é do ócio criativo, do brincar é um tempo essencialmente presente. Assim, para além da infância cronológica, Freire traz a importância de não deixar morrer o menino, a menina que viveu em nós, para a Infância uma pedagogia menina que mantém viva a curiosidade e amorosidade, que valoriza as perguntas. Partindo dessa premissa, tem-se essa declaração de valorização da infância:

Eu acho que uma das coisas melhores que eu tenho feito na minha vida, melhor do que os livros que eu escrevi, foi não deixar morrer o menino que eu não pude ser e o menino que eu fui, em mim (Freire, 2001, p. 101).

A meninice aparece nas obras e vida do considerado Bambino Permanente, título que ganhou da Biblioteca *Comunale di Ponsacco*, em Pisa, Itália, em 1990, uma meninice que transpõe a idade cronológica e traz uma potência do ser infantil. Tal declaração, de que mais importante que seus livros é o menino vivo, evidencia a importância da infância para Freire enquanto fenômeno que deve permanecer vivo em cada educador.

De modo semelhante quando diz que: “É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática” (FREIRE, 2017, p. 18). Nesta citação percebe-se que o autor não nega a infância, mas faz sempre questão de destacá-la de modo a compreender que muito da sua trajetória deu-se e devido à influência de seus pais e pares na infância.

Assim, essa infância autônoma que é visível em Freire (2001) e coaduna com o que diz a Sociologia da Infância, que as crianças são atores sociais complexos e as múltiplas infâncias reverberam em “[...] formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo [...]”, como diz Sarmento (2004, p. 12). O reconhecimento das infâncias ocorre quando Freire fala da curiosidade menina, do perguntar como ato político e revolucionário, quando valoriza a infância de forma a pensar que um educador de sucesso em sua prática precisa manter vivo essa essência da infância.

A infância cidadã que tem direitos, que opina, que não é um dever, a exemplo de Freire, que criança já sabia que: [...] o mundo teria de ser mudado. Que havia algo errado no mundo que não podia nem devia continuar” (Freire, 2015, p. 41). Trata-se da infância que não é apenas moldada pela sociedade, mas que participa, sofre, é atravessada pelas questões sociais e por isso deve ter suas especificidades reconhecidas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que há na obra de Paulo Freire várias referências a infância, tanto quanto relata sobre sua vivência cronológica de menino pernambucano pobre que foi alfabetizado em casa, e em que desenvolveu a sua leitura de mundo antes das palavras, sua criticidade foi forjada em tenra idade. Ademais, em seus escritos como a Pedagogia da Pergunta vê-se que o menino se manteve presente durante toda sua existência, e assim ele influenciava outros educadores a manterem essa essência infantil de luta, vivacidade, curiosidade e amorosidade.

Por fim, acredita-se que Freire contribuiu para a difusão das múltiplas infâncias, dialogando com Sarmento e Corsaro nessa perspectiva de heterogeneidade da infância livre e autônoma. Considera-se importante divulgar esse conhecimento e pensar na criação de uma Pedagogia Freiriana da Infância, de modo a explicitar sua contribuição para o estudo das infâncias.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao apoio da Pró Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Pará (PROPESP/UFPA), pela concessão de auxílio para apresentação desse trabalho em comunicação oral e participação no X Congresso Nacional de Educação (CONEDU), a participação neste evento contribui significativamente para

a minha formação acadêmica possibilitando a experiência de diálogo com pesquisadores de todas as regiões do Brasil. Agradeço também ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UEPA) pelo apoio financeiro a participação no X Congresso Nacional de Educação (CONEDU), tal ação demonstra o compromisso do programa com o desenvolvimento acadêmico dos discentes possibilitando a vivência de experiências tão enriquecedoras para a nossa formação enquanto pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

- AVIZ, F. R. S.; SANTOS, T. R. L.; RIBEIRO, N.M. **Sociologia da infância e pedagogia Freireana: algumas aproximações**. Revista Pedagógica, v. 23, p. 1-20, 2021 DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v23i0.5788>
- CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- KOHAN, Walter. Paulo Freire e a (sua) infância educadora. In: SILVA, Marta Regina Paulo de; MASON, Jason Ferreira (orgs.) **Paulo Freire e a educação das crianças**. São Paulo: BT Acadêmica, 2020, p. 83-100.
- SARMENTO, M. J. As Culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004. p.9-34.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003
- SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago., 2005.
- SARMENTO, M. J. **Sociologia da infância: correntes, problemáticas e controvérsias**. Cadernos do Noroeste, Porto, vol. 13. 2000. p. 145-164.
- KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre educação e filosofia**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- FREIRE, P. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- LACERDA, N. **A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha**. Rio de Janeiro: Zit, 2016
- FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 55ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

